

marcação vem sendo impedida à força pelos lavradores da região, foi novamente invadida esta semana por pistoleiros. Apavorados, os índios fugiram para a aldeia Ipu.

Por outro lado, fontes da Funai confirmaram que vários comerciantes dos povoados de Santa Maria, Sabonete e outros de Barra do Corda aderiram a um boicote contra os guajajaras, recusando-se a vender-lhes qualquer produto. Um dos comerciantes, Antônio Ramos, disse a um funcionário da Funai que o boicote foi ordenado pelo prefeito de Barra do Corda e pelo deputado arenista Fernando Falcão.

místicos. Os índios concordaram com o negócio mas, na hora de acertar o preço, os brancos teriam recusado o pagamento exigido pelos guajajaras. O líder dos brancos foi baleado e morto e os três outros fugiram a pé, abandonando o jipe na aldeia.

Fontes do Cimi e da Comissão Pró-Índio informaram ontem que os guajajaras da reserva Canabrava, de Barra do Corda, estão muito assustados. Acham que os ataques fazem parte de uma ofensiva para impedir que a Funai concretize a idéia de "limpar" a área de invasores. Informaram também que a aldeia Bacurizinho, cuja de-

aldeia Coquinho foram fuzilados por moradores do povoado de São Pedro dos Cacetes, o maior dos enclaves brancos na região. Os autores da chacina eram comandados pelo posseiro conhecido como Bigorão.

A morte do traficante de maconha por índios guajajaras aparentemente não tem relação com os incidentes de Barra do Corda, que fica a mais de 100 quilômetros de Amarante. Os relatos recebidos pela delegacia da Funai no Maranhão e pelo Cimi indicam que eram quatro os ocupantes de um jipe que entrou na aldeia Vagem Limpa para comprar a maconha que os índios utilizam nos seus rituais

da reserva Canabrava. Segundo informações do Cimi (Conselho Indigenista Missionário), da Funai e da Comissão Pró-Índio do Maranhão, um grupo de guajajaras recolhia algodão próximo do Centro do Meio (um dos enclaves brancos na área indígena) quando foi atacado por lavradores comandados pelo posseiro Felipe Preto: quatro índios — incluindo duas mulheres — foram feridos a bala, e três a golpes de facão. Um dos lavradores que participaram do ataque também saiu ferido.

Apenas algumas horas depois do ataque no Centro do Meio, três guajajaras que se dirigiam da aldeia Urucu para a

tentando retirar milhares de invasores dos territórios indígenas — recomeçaram no início da semana passada quando desconhecidos, que viajavam num automóvel, dispararam seus rifles contra uma aldeia guajajara situada às margens da rodovia BR-226, sem causar vítimas. Logo no dia seguinte, terça-feira, o cacique Golabeira, do posto indígena Canabrava, foi surpreendido na estrada por outro carro de brancos: um deles apontou-lhe o rifle mas, segundo o relato do índio, a arma falhou e, por isso, conseguiu escapar entrando na mata.

As mortes ocorreram sexta-feira, em dois locais diferentes

Do correspondente em SÃO LUÍS

Em dois ataques quase simultâneos, desfechados anteontem por lavradores do município de Barra do Corda, a 420 quilômetros de São Luís, no Maranhão, três índios guajajaras foram mortos e sete outros ficaram feridos, um em estado grave. Quinta-feira, no município de Amarante do Maranhão, um traficante de maconha foi baleado e morto — depois de uma discussão com guajajaras da aldeia Vagem Limpa.

Os incidentes violentos entre brancos e índios em Barra do Corda — onde a Funai e outros órgãos do governo estão